

AMOR DE SI, PIEDADE E AMOR-PRÓPRIO: O LUGAR DO SENTIMENTO NO SEGUNDO DISCURSO DE ROUSSEAU¹

SELF-LOVE, PITY, AND AMOUR-PROPRE: THE PLACE OF FEELING IN ROUSSEAU'S SECOND DISCOURSE

ARIANE SANTOS RIBEIRO MELONIO
Mestra em Cultura e Sociedade, PPGCult/UFMA
arianesanrib@gmail.com

DANIELTON CAMPOS MELONIO
Doutor em Filosofia, PPGFIL/UERJ
danielton.melonio@ufma.br

NERTAN DIAS SILVA MAIA
Doutor em Filosofia, PPGFIL/UERJ
nertan.dias@ufma.br

RESUMO

Este artigo investiga o papel dos sentimentos de amor de si, piedade e amor-próprio no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau. O objetivo é explicitar como tais sentimentos contribuem para a compreensão da passagem do estado de natureza ao estado civil e em que medida podem servir como freio moral à degeneração do homem em sociedade. Parte-se da análise do estado de natureza, no qual predominam o amor de si e a piedade como princípios de autoconservação e de solidariedade espontânea. Em seguida, aborda-se a Idade de Ouro, estágio intermediário no qual o surgimento da linguagem, da vida em comunidade e dos primeiros vínculos afetivos conduz ao aparecimento do amor-próprio. Por fim, examina-se o estado civil, marcado pelo fortalecimento do amor-próprio e pelo enfraquecimento do amor de si e da piedade, dando origem à vaidade, à rivalidade e à desigualdade. A pesquisa sustenta que, ainda que não haja retorno ao estado natural, os sentimentos de amor de si e de piedade permanecem como possíveis reguladores éticos da vida social, oferecendo alternativas para resistir à lógica da aparência, da competição e do narcisismo contemporâneos. Assim, destaca-se a atualidade da crítica rousseauiana e a necessidade de refletir sobre a educação e cultivo dos sentimentos como caminhos para uma convivência menos desigual e mais solidária.

Palavras-chave: Amor de si. Piedade. Amor-Próprio. Sentimento. Desigualdade.

ABSTRACT

This article examines the role of the feelings of self-love (amour de soi), pity, and vanity-driven self-love (amour-propre) in Jean-Jacques Rousseau's *Discourse on the Origin and Foundations of Inequality Among Men*. The aim is to clarify how these feelings contribute to understanding the transition from the state of nature to civil society, and to what extent they may act as moral restraints against human degeneration in social life. The study begins with the analysis of the state of nature, in which amour de soi and pity guide self-preservation and spontaneous solidarity. It then explores the Golden Age, an intermediate stage in which the emergence of language, community life, and early

¹ Recebido em 15/09/2025. Aprovado em 11/10/2025.



affective bonds leads to the rise of amour-propre. Finally, it addresses the civil state, characterized by the strengthening of amour-propre and the weakening of amour de soi and pity, resulting in vanity, rivalry, and inequality. The article argues that, although a return to the natural state is impossible, amour de soi and pity remain as potential ethical regulators of social life, offering alternatives to resist the logic of appearances, competition, and narcissism in contemporary society. Rousseau's critique thus proves to be remarkably relevant today, highlighting the importance of cultivating sentiments as a path toward more egalitarian and supportive coexistence.

Keywords: Self-love (amour de soi). Pity. Self-love (amour-propre). Feeling. Inequality.

I

O objetivo deste texto é explicitar em que medida os sentimentos de amor de si e piedade contribuem para que o homem do Estado Civil não degenere, ressaltando, a partir disso, o lugar do sentimento no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* do filósofo Jean-Jacques Rousseau.

Fundamenta-se esta pesquisa na leitura do Segundo *Discurso*. Apresenta-se os conceitos dos sentimentos: amor de si, piedade e amor-próprio. Expõe-se a interpretação de que o amor de si e a piedade são sentimentos que regulam a bondade e o amor-próprio sentimento enganoso responsável pelo surgimento de inveja, egoísmo e vaidade.

Esta exposição será realizada a partir de três momentos. O primeiro deles será dedicado a identificar as características do homem no Estado de natureza e qual ou quais são os sentimentos que orientam sua ação neste Estado. Em seguida, será realizada uma tarefa semelhante com intuito de explicitar que tipo de sentimento orienta os seres humanos após a implantação da desigualdade por meio da propriedade privada. Por fim, serão apresentadas algumas reflexões acerca de como tais sentimentos podem servir de freio moral para as ações dos homens no estado civil, ou seja, como o sentimento e não a razão pode guiá-los mesmo em um estado degradado e longe do estado natural.

Cabe observar que mesmo que a exposição do processo de saída do homem do Estado de natureza para o Estado civil seja amplamente conhecida por grande parte do público leitor de Rousseau, essa descrição se faz necessária aqui para que sejam apresentados argumentos que contribuam para a reflexão e atualização das teses defendidas pelo genebrino ainda no século XVIII.

II

No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* Rousseau escreve sobre o estado de natureza, um estado onde o homem é regulado por

sentimentos anteriores à razão: o amor de si e piedade. O amor de si é o que orienta o homem a sua autoconservação. Nesse estado, a autoconservação é

quase sua única preocupação, as faculdades mais exercitadas deverão ser aquelas cujo o objetivo seja o ataque e a defesa [...], Habitados, desde a infância, às intempéries da atmosfera e ao rigor das estações, experimentados na fadiga e forçados a defender nus e sem armas, a vida e a prole contra outras bestas ferozes ou a elas escapar correndo (Rousseau, 1988, p. 42-46).

Nesse sentido, estes homens garantiam suas necessidades e evitavam o que lhe era prejudicial.

Por este turno, para Rousseau a piedade é disposição natural que faz uma criatura praticar atos de generosidade para com seu semelhante; disposição encontrada também nos animais. “Um animal não passa sem inquietação ao lado de um animal morto da sua espécie” (Rousseau, 1988, p. 57). Rousseau dá uma importância primordial ao amor de si e à piedade no seu texto; estes dois sentimentos naturais são características fundamentais no homem natural. Posto que a piedade atrelada ao amor de si faz com que o homem natural, mesmo sem reflexão, venha a “socorrer aqueles que vemos sofrer; ela, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude” (Rousseau, 1988, p. 58).

Além disso, ressalta o filósofo, a piedade “representa um *sentimento* natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie” (Rousseau, 1988, p. 58, grifo nosso). Rousseau afirma que os homens regulados por esses sentimentos só poderiam ser bons. A condição de um ser humano, que possui seus desejos satisfeitos com o que a natureza tem a oferecer, facilita o acordo com o mundo que o cerca. O que este homem precisa? Alimentação, uma fêmea e repouso. Os encontros com seus semelhantes eram raros e fortuitos, saciado o desejo sexual cada um seguia seu caminho, não criando vínculos de afetividade.

A facilidade da vida do homem no Estado de Natureza faz com que o mesmo seja um ser tranquilo, situações de conflito só existiam para o fim último de sobrevivência: ataque ou defesa de um animal.

O autor segue o seu *Discurso* e compara o homem primitivo aos animais, em relação às funções como perceber e sentir. E difere em relação à liberdade e a perfectibilidade.

A liberdade natural é uma característica própria do ser humano, o homem não age por regras prescritas como o animal, já que pode concordar ou resistir a qualquer influência externa. E “é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma” (Rousseau, 1988, p. 47). A outra característica, a perfectibilidade, termo criado para exprimir a capacidade que o homem possui para aperfeiçoar-se e modificar-se, é a “faculdade

que com auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo” (Rousseau, 1988, p. 47).

Jean-Jacques afirma que a perfectibilidade é a causadora de todos os males do homem, “ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes” (Rousseau, 1988, p. 47). Assim, prosseguindo em sua análise sobre o Estado de Natureza, Rousseau pressupõe que o homem selvagem possuía como primeira língua o grito da natureza, depois inflexões de voz e sinais foram utilizados e, por fim, a linguagem articulada para o uso da comunicação.

Agora diante dos vários e sucessivos acontecimentos que este homem da natureza desenvolve por meio da liberdade atrelada a perfectibilidade e do uso da linguagem, a dispersão e o isolamento chegam ao fim.

Rousseau trata sobre o desenvolvimento da linguagem para demonstrar a passagem do homem natural para o homem civil.

Entre o Estado de natureza e o Estado Civil há um estágio intermediário que Rousseau denomina de “Idade de Ouro” no qual o homem já se desnaturou, mas não se socializou.

O autor sustenta que a primeira forma de locução humana foi o chamado “grito da natureza”, manifestado unicamente pelo instinto de sobrevivência, seja para implorar socorro, seja para expressar a dor intensa. Com o transcurso do tempo, os homens passaram a recorrer a gestos, inflexões vocais e sinais como meios complementares de expressão. Todavia, esses recursos tornaram-se gradativamente insuficientes para atender às novas demandas de interação, o que levou ao surgimento e ao desenvolvimento da palavra articulada como instrumento mais eficaz de comunicação.

Assim, Rousseau sustenta que o avanço decisivo que permite ao homem superar a dispersão e o isolamento, aproximando-se de seus semelhantes, ocorre com o aperfeiçoamento da linguagem articulada. Dessa forma, a linguagem passa a operar transformações significativas na vida social, encerrando o isolamento individual que caracterizava os primeiros estágios do estado natural.

Ainda segundo o genebrino, os homens passam neste estágio a morar próximos uns dos outros em habitações rudimentares e a compartilhar os recursos naturais disponíveis. Começam a utilizar a fauna para sua alimentação, e em função disso, se sentem superiores aos

outros animais, planejando estratégias para capturá-los, através da habilidade de fabricação de armadilhas e armas utilizadas para caça e pesca.

Para Rousseau, com o surgimento destas habitações, duas circunstâncias emergem: a sexualidade e os entretenimentos (canto e dança). Essa associação iniciou o aparecimento de grupos denominados de famílias. Nascem, então, sentimentos desconhecidos: amor conjugal e amor paternal, marcando o início das comunidades.

Para o genebrino, o homem deveria ter ficado nesse estágio, “[...] deve ter sido a época mais feliz [...] a verdadeira juventude do mundo” (Rousseau, 1988, p.68). Entretanto, a convivência faz com que o homem faça comparações, elaborando ideias de beleza, mérito e preferência, nascidas do amor-próprio.

Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor; o mais **belo**, o mais **forte**, o mais astuto ou o mais eloquente passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a **vaidade** e o **desprezo**, e, de outro, a **vergonha** e a **inveja** (Rousseau, 1988, p.67).

Dessa forma, ao apresentar a trajetória do homem desde o estado de natureza até a chamada “Idade de Ouro”, Rousseau evidencia como os sentimentos naturais do amor de si e da piedade, aliados à liberdade e à perfectibilidade, moldaram o caminho da humanidade. Se no estado natural predominava a simplicidade e a tranquilidade da vida, na “Idade de Ouro” surgem os primeiros vínculos sociais, as primeiras comunidades e também os primeiros sinais de comparação e vaidade. Esse estágio, embora marcado por descobertas e pelo florescimento de afetos, já anunciava os germes da desigualdade que mais tarde se consolidaria no estado civil, quando a busca pela estima pública e pela superioridade se sobrepôs à harmonia inicial entre os homens.

III

Rousseau considera o Estado Civil como um estado de degeneração do homem no decorrer da linha do tempo. Nesse sentido, o filósofo apresenta grandes transformações. A saber, os três grandes progressos da decadência: propriedade, magistratura e despotismo.

O genebrino afirma, ainda, que a propriedade separou ricos e pobres, a magistratura poderosos e fracos e o despotismo: senhor e escravo. Entretanto, cada progresso se dá de uma forma e cada um com características específicas.

Com a implantação da propriedade há o enfraquecimento do sentimento do amor de si e fortalecimento do amor próprio. Mas que amor é este?

O amor-próprio é um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos

homens todos os males que se fazem mutuamente, e que é a verdadeira fonte da honra (Rousseau, 1988, p. 111).

É este amor que será o princípio norteador dos “progressos” da desigualdade. Será este sentimento que levará o homem à magistratura (feita apenas por particulares).

Desse modo, à medida que o homem social se torna cada vez mais vaidoso e ambicioso, ele avança inevitavelmente rumo ao despotismo, estágio derradeiro da degradação, no qual o poder absoluto subjuga as leis e oprime o povo. Nesse ponto, Rousseau evidencia um paradoxo fundamental: os homens retornam à igualdade, mas não àquela do estado de natureza — marcada pela liberdade, independência e simplicidade —, e sim a uma nova forma de igualdade, degradada e artificial, fundada na servidão e na dependência. Trata-se, portanto, de uma igualdade perversa, que ao invés de restituir a dignidade humana, a anula sob o peso da opressão.

Nesse sentido, Rousseau demonstra que o processo de transição do estado de natureza para o estado civil não se deu de maneira harmoniosa, mas sim como um caminho de corrupção progressiva. O surgimento da propriedade privada inaugura uma lógica de desigualdade que se aprofunda com a criação da magistratura e culmina no despotismo. A partir daí, as relações humanas deixam de ser mediadas pela piedade e pelo amor de si, passando a ser guiadas pelo amor-próprio, que gera competição, rivalidade e submissão. O que era simples e suficiente no estado de natureza torna-se cada vez mais artificial e desigual no seio da sociedade civil.

Assim, a crítica rousseauiana ao estado civil revela a contradição central da condição humana: ao mesmo tempo em que a perfectibilidade permitiu ao homem desenvolver a linguagem, a cultura e a vida em comunidade, também foi responsável por sua degeneração moral e política. No despotismo, ponto máximo da desigualdade, o homem se vê aprisionado em relações de dominação e dependência, distante da liberdade e igualdade originárias. Ao retomar essa reflexão, Rousseau não apenas denuncia os fundamentos da sociedade desigual, mas também convoca à reflexão sobre a possibilidade de recuperar, na vida política, princípios que restituam ao homem sua dignidade e autonomia.

IV

Pelo exposto percebe-se que a passagem do Estado de Natureza para o Estado Civil transforma o modo de agir do homem e tudo conspira para o enfraquecimento do sentimento de amor de si e da piedade e, por outro lado, o fortalecimento do amor próprio.

O homem do amor-próprio necessita da presença do outro para que este o estime, e o valorize por aquilo que ele parece ser. Sobre isso, Rousseau declara:

[...] o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver baseando-se na opinião dos demais e chega ao sentimento de sua própria existência quase que somente pelo julgamento destes. [...] tudo reduzindo-se às aparências, tudo se torna artificial e representado, seja a honra, a amizade, a virtude, frequentemente mesmo os próprios vícios com os quais por fim se encontram o segredo de se glorificar; como, em uma palavra, perguntando sempre aos outros o que somos e não ousando jamais interrogamo-nos a nós mesmos sobre esse assunto, em meio a tanta filosofia, humanidade, polidez e máximas sublimes, só temos um exterior enganador e frívolo, honra sem virtude, razão sem sabedoria e prazer sem felicidade (Rousseau, 1988, p. 85-86).

A partir daí Rousseau, como observa Salinas (1997), apontará em todas as suas obras a denúncia ao vício, ao egoísmo, a anulação do outro, ao embrutecimento do ser corrompido, afirmará que o homem social encena, traveste-se, vive de aparência, utiliza máscaras num jogo do ser e parecer e reclamará a perda da inocência dos primeiros tempos.

Jean-Jacques sustenta ainda que na sociedade nascente os homens possuem uma tendência a se prejudicarem, possuindo uma inveja secreta, disfarçada pela máscara da bondade. Há “de um lado, concorrência e rivalidade, de outro, oposição de interesses e de ambos, o desejo oculto de alcançar lucros a expensas de outrem” (Rousseau, 1988, p. 71).

Nesses moldes é que surge a Sociedade Civil, fruto de um longo processo de mudanças; a cada passo de saída do Estado de Natureza um passo para a fraqueza, ao vício, a subserviência, ao medo, a desigualdade, ao sentimento de amor-próprio. “É a razão que engendra o amor-próprio e a reflexão o fortifica; faz o homem voltar-se sobre si mesmo; separa-o de quanto o perturba e aflige” (Rousseau, 1988, p. 58).

No Segundo Discurso Rousseau não nos apresenta uma saída para a não degeneração do homem, mas fica evidente que os sentimentos de amor de si e piedade podem servir como freio moral para as ações dos homens no estado civil, ou seja, como o sentimento e não a razão pode guiá-los mesmo em um estado degradado e longe do estado natural. Em suas obras posteriores, Rousseau apresenta que por meio da ética, da arte, da política e da educação existe a possibilidade de uma convivência menos egoísta, e maldosa; caberá ao homem saber educar o amor-próprio, já que não há a possibilidade de retorno ao Estado de Natureza. Dessa forma, para viver em sociedade sem ser ambicioso, mentiroso, vaidoso e mau, cabe a nós, homens civis, mantermos os sentimentos de amor de si e piedade, enfraquecendo o amor-próprio narcísico.

Isto não é tarefa fácil, especialmente em uma sociedade como a nossa, marcada: 1) pelo culto à aparência; 2) pela vaidade exacerbada; 3) pelo narcisismo cada vez mais crescente exposto nas redes sociais e até mesmo no mundo acadêmico; 4) pela falta de empatia que objetifica cada vez mais as relações pessoais; 5) pela decadência da arte que não

consegue, em geral, formar um gosto capaz de romper com o caráter alienante desse tipo de manifestação humana; 6) pela a divulgação cada vez maior de *fake news* que distorcem a realidade e fazem parecer que o mundo que nos rodeia nem existe de fato; 7) pelo negacionismo que rejeita todas as conquistas sociais feitas pela humanidade ao longo do tempo; 8) e orientada por um tipo de “racionalidade” que coloca em xeque a própria razão e a ciência de modo raivoso e mesmo irracional (a crítica apresentada por Rousseau no Primeiro Discurso sobre as ciências e as artes é bem diferente disso). Assim, diante desse contexto, é possível que o amor de si e a piedade sirvam ainda de móveis internos que orientam os seres humanos a agir se colocando no lugar dos demais?

Parece que a crítica feita pelo genebrino na segunda metade do século XVIII ainda se mostra atual e muito pertinente, e por isso precisamos refletir mais profundamente sobre isto.

Portanto, que a reflexão de Rousseau ultrapassa seu tempo e ressoa fortemente nos dias atuais, em que a lógica do amor-próprio se encontra intensificada pelos mecanismos sociais, políticos e tecnológicos que reforçam a aparência e a competição entre os indivíduos. Se, no Segundo Discurso, o filósofo não oferece um retorno ao estado de natureza como saída possível, aponta, contudo, para a necessidade de resgatar os sentimentos naturais do amor de si e da piedade como freios morais capazes de humanizar a vida em sociedade.

Nesse sentido, o desafio contemporâneo é reconhecer que, embora a sociedade civil traga em seu cerne a desigualdade e a corrupção do ser humano, ainda resta ao homem a possibilidade de educar suas paixões e cultivar a empatia. Retomar a lição rousseauiana significa, assim, compreender que somente ao fortalecer a dimensão sentimental e ética da existência poderemos construir formas de convivência menos egoístas e mais solidárias, capazes de contrapor-se ao domínio do amor-próprio e de restituir ao homem parte da dignidade perdida em seu processo histórico.

REFERÊNCIAS

- DALBOSCO, A. C. **Condição humana e educação do amor-próprio em Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1979b (Coleção Os Pensadores).
- ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1979a (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Coleção Os Pensadores).

SALINAS FORTES, L. R. **Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau**. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

STAROBINSKI, J. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

STAROBINSKI, J. J. J. **Rousseau: A transparência e o obstáculo: seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.